

## **Música, diferença e identidade na Nação Zamberacatu: reflexões sobre confluências e refluxências em território simbólico**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE PESQUISA

SUBÁREA: SA-3.  
Etnomusicologia

*Kleber da Silva Moreira*  
EMUFRN  
*klebermoreira83@gmail.com*

### **Resumo.**

O presente trabalho é um excerto da minha pesquisa de mestrado, propõe uma reflexão sobre a construção de identidades junto aos integrantes da Nação Zamberacatu, com base na articulação entre música, ancestralidade e diferença. A partir de dados levantados em questionário aplicado aos integrantes do grupo entre os anos de 2023 e 2024, com o intuito de realizar um cadastro dos mesmos, identifica-se uma diversidade significativa de perfis, trajetórias e motivações que levam as pessoas a fazerem parte de uma Nação de Maracatu. Ainda assim, a Nação consegue produzir um sentido coletivo de pertencimento através da experiência musical. Para compreender essa dinâmica, este trabalho dialoga com a etnomusicologia de Bruno Nettl (2003), e seu entendimento de que as músicas de uma cultura não devem ser entendidas como homogêneas ou fixas.; a análise de Louise Meintjes (2003) sobre a construção de uma identidade Zulu a partir de processos fonográficos; e com as perspectivas de Stuart Hall (2003) e Antônio Bispo dos Santos (2015) sobre cultura, identidade e território. Neste trabalho, constatamos que a diferença dentro da Nação Zamberacatu é elemento constitutivo do seu modo de existir. O que a sustenta como coletivo é a capacidade de articular sujeitos diversos em torno de um fazer comum, que é ancestral, político e musical.

Palavras-chave: Zamberacatu; Identidade; Diferença; Etnomusicologia; Ancestralidade.

### **Music, Difference and Identity in the Zamberacatu Nation: Reflections on Confluences and Refluxences in Symbolic Territory**

This work, an excerpt from my master's research, proposes a reflection on the construction of identities among members of the Zamberacatu Nation, based on the connection between music, ancestry, and difference. Based on data collected in a questionnaire administered to group members between 2023 and 2024, with the aim of creating a registry, we identify a significant diversity of profiles, trajectories, and motivations that lead people to become part of a Maracatu Nation. Even so, the Nation manages to produce a collective sense of belonging through musical experience. To understand this dynamic, this work engages with Bruno Nettl's (2003) ethnomusicology and his understanding that the music of a culture should not be understood as homogeneous or fixed; Louise Meintjes's (2003) analysis of the construction of a Zulu identity based on phonographic processes; and the perspectives of Stuart Hall (2003) and Antonio Bispo dos Santos (2015) on culture, identity, and territory. In this work, we find that difference within the Zamberacatu Nation is a constitutive element of its way of being. What sustains it as a collective is the ability to articulate diverse subjects around a common endeavor that is ancestral, political, and musical.

Keywords: Zamberacatu; Identity; Difference; Ethnomusicology; Ancestry.



## Introdução

No ano de 2012, nasceu na cidade de Natal (RN), a primeira Nação de Maracatu da cidade. Surge como missão, transmitida por Ifá a vontade de Ogum. Tal surgimento impactou e ainda impacta a cena cultural do município, seja de forma macro, contribuindo contundentemente para o fortalecimento da divulgação, propagação e valorização da cultura popular negra, agindo como a espada de ogum nas ruas da capital do Estado do Rio Grande do Norte, assim como vem contribuindo para a aproximação, vivência e conexão com a ancestralidade negra evocada pela Nação Zamberacatu e por cada integrante que compõe o “batalhão azul”.

A Nação Zamberacatu segue os moldes de Nações de maracatu de baque virado do Recife, Olinda e Alagoas, com semelhanças em sua constituição instrumental (alfaia, gonguê, agbê, caixa/tarol, apito), semelhanças em alguns baques (toques), sendo quatro deles alusivos aos baques pernambucanos (Luanda, Malê, Parado, Martelo), mas com diferenças, seja na inserção de seis baques alusivos aos toques dos orixás no culto de candomblé Ketu (Adarrum, Agueré, Ilú de Oyá, Opanijé, Bravum e Ijexá), como também, a Nação Zamberacatu tem um baque em alusão a sua ancestralidade “potiguar”, o Baque Zambê, reproduzindo a rítmica o coco de Zambê do Mestre Geraldo da comunidade de Cabeceiras-RN. Como particularidade, também se destaca a formação de sua corte real, que conta com duas Damas do passo, Rainha e Rei, Yabás, Princesas, Porta estandarte e Vassalo, representações semelhantes com as Nações de Pernambuco, mas com algumas ressignificações de outros personagens, como as baianas pobres, as baianas ricas que são representadas pelas Agbezeiras e o povo de terreiro que integra o cortejo, as vestimentas também é outro ponto de diferenciação, se mostrando muito mais modestas e menos pomposas que as vestimentas dos maracatus pernambucanos (o que não significa menos beleza e importância).



**Figura 1 – Concentração para apresentação na Noite do Dendê, comunidade do bode, sede da Nação Porto Rico – PE.**



Fonte – Arquivo pessoal da Nação Zamberacatu.

A gênese de uma Nação de maracatu em terras potiguaras, também segue um comportamento não convencional do que se espera de uma criação deste tipo. Diferente de grupos percussivos de maracatu, que são inúmeros pelo Brasil e outros países, nos quais suas criações advêm de ações de formação promovidas pelas Nações de Maracatu de Pernambuco, apadrinhamento ou algum outro tipo de chancela, como cerimônias de legitimidade promovidas por alguma Nação do circuito tradicional - Recife e Olinda, a Nação Zamberacatu surge sem essas “legitimações”. Como seria possível isso acontecer? seria esse um comportamento que indica uma falta de “autenticidade”? mais a frente responderemos essa questão a partir de Hall (1997), que nos diz que movimentos como este devem ser entendidos como expressão de um princípio essencial de uma cultura diaspórica.

A Nação Zamberacatu, apresenta-se como um território de memória, expressividade e afirmação identitária. Constituído por pessoas de diversas idades, formações, gêneros e religiosidades, o grupo se destaca por sua capacidade de articular diferenças internas sem perder a força coesiva de seu projeto ancestral. Tal cenário reforça a ideia de mudança nas relações

entre “outsider” e “Insider” apresentada por Nettel (2003) no campo da etnomusicologia, quando este nos diz que essa relação agora ocorre no campo da intraculturalidade ao invés da interculturalidade. Diante disso, emerge a seguinte questão: como a Nação Zamberacatu, apresentando uma composição tão heterogênea, consegue construir um campo simbólico comum a partir da música?

Este trabalho parte da perspectiva de que a música é mais que expressão sonora, é território, é prática social que agencia modos de ser, estar e resistir. Meintjes (2003) ao observar a construção de uma identidade Zulu num estúdio de gravação da África do Sul, aponta que é através intencionalidade e da interação entre grupos étnicos diferentes, brancos e negros, estrangeiros e nativos profissionais da indústria fonográfica, que vai se construir uma identidade Zulu. A partir disso, tentaremos compreender a Nação Zamberacatu como um espaço onde se reconfigura a noção de identidade, não pela busca de uma origem comum ou de uma essência vinda de linhagens de históricas, mas pela celebração das diferenças que convergem para um mesmo projeto de afirmação negra, de religiosidade e de pertencimento afro-brasileiro.

### **Percebendo a heterogeneidade: uma Nação plural**

As informações que dão base para análise nesse trabalho, foram extraídas de um cadastramento de integrantes da Nação Zamberacatu, feito entre os anos de 2023 e 2024. Foram registrados 59 integrantes nesse cadastro, os quais responderam um total de 29 perguntas, dentre elas estavam perguntas de cunho cadastral, como endereço e dados pessoais e outras categorias tratavam de tentar traçar um perfil do integrante da Nação, seja em âmbito social, cultural ou religioso. Dentre as questões presentes nesse questionário, para este trabalho destacamos: “Segundo as categorias sugeridas pelo IBGE como você se autodeclara” (perspectiva racial); “sua Formação, área de atuação ou algum saber/fazer que desenvolve e gostaria de destacar.” (perspectiva dos saberes); “O que te motiva a fazer parte da família Nação Zamberacatu?” (perspectiva da motivação); “Você é de Candomblé?” (perspectiva religiosa); “Você acredita que de alguma forma o seu processo de iniciação ou aproximação na religiosidade negra está relacionado a Nação Zamberacatu?” (perspectiva da influência).

A partir da observação dos dados levantados por essas questões, foi possível perceber como a Nação Zamberacatu se constitui em um território de múltiplos saberes, experiências e vivências,



que como bem nos aponta Antônio Bispo (2015), os territórios tradicionais, funcionam a partir de uma lógica de “confluências e refluências” de saberes e experiências, em uma comunhão fraterna.

Analisando os dados, de início percebe-se existem integrantes das quatro regiões da cidade, assim como fora dela. Quanto a região da cidade do Natal a qual os integrantes da Nação são residentes, a maior predominância de moradores é da Zona Sul da cidade, sendo esses 29 integrantes, seguido por 07 integrantes da Zona Norte, 05 da Zona Oeste e 03 da Zona Leste da cidade. Dos 59 registros de resposta, 14 responderam que não residiam em Natal na época da coleta destes dados.



(Gráfico 1)

Geograficamente, a Nação Zamberacatu tem sua sede localizada na Zona Sul da cidade, mais precisamente no bairro de Neópolis. Sua sede está inserida dentro do Território de Educação, Cultura e Economia Solidária (TECESOL), um prédio que abriga alguns grupos de teatro, assim como um CEMEI. Talvez devido a sua localização, a Nação Zamberacatu apresente tantos integrantes da Zona Sul de Natal.

Natal é uma cidade que passa por vários problemas de mobilidade urbana, fato explícito na falta de transportes públicos que atendam as demandas da população local, assim como os altos índices tarifários sobre as passagens do sistema público de transporte. A insatisfação da população, quanto ao transporte público em Natal, fica evidente nos dados da pesquisa realizada



pelo instituto EXATUS, a pedido do jornal Agora RN, na referida pesquisa, 60,86% dos entrevistados demonstram insatisfação com relação ao transporte público da cidade. Tal dado nos leva a reflexão que possivelmente, um atrativo para os integrantes da Nação Zamberacatu, seja o fato da sede do grupo está localizada próximo ao lugar onde residem.

Para além da questão da mobilidade urbana da cidade do Natal, nos chama atenção o fato de que, mesmo que a Nação Zamberacatu esteja ligada diretamente ao candomblé, a localização de sua sede não está em uma região onde tenham várias incidências de terreiros de candomblé ou umbanda. Com o objetivo de mapear os terreiros da cidade do Natal, o grupo de estudos de culturas populares da UFRN, com o apoio do setor de antropologia e as comunidades de terreiro da cidade, foi iniciado no ano de 2012 um levantamento dos terreiros atuantes na cidade do Natal, no referido levantamento, ficou registrado que a Zona Sul da cidade, apresentava a presença de apenas dois terreiros de umbanda/jurema e candomblé/jurema, ambos localizados no bairro de Ponta Negra. Seis terreiros na Zona Leste; vinte e cinco na Zona Oeste; e com uma maioria esmagadora de presença de terreiros, temos o quantitativo de noventa e seis terreiros situados na Zona Norte.

Ao analisarmos esses dados, percebemos que a Zona Norte da cidade é o reduto das práticas de religião de matriz africana e afro-indígena, no entanto, apenas sete integrantes da Nação Zamberacatu residem nesse território, nesse sentido podemos entender que a distribuição territorial dos integrantes da Nação Zamberacatu revela um dado significativo: a maior concentração de terreiros de candomblé e umbanda em Natal está na Zona Norte, enquanto a sede da Nação localiza-se na Zona Sul, onde existem apenas duas casas. Essa discrepância geográfica nos convida a refletir sobre como o pertencimento religioso e identitário ultrapassa os limites da territorialidade física e se ancora, sobretudo, na territorialidade simbólica.

Segundo Antonio Bispo dos Santos (2015), a compreensão do indivíduo enquanto parte de um todo rizomático é essencial para pensar os processos de pertencimento em coletivos afrodescendentes. Para ele, “ninguém é sozinho, somos rizomas, galhos de um mesmo tronco ancestral” (SANTOS, 2015, p. 46). A Nação Zamberacatu exemplifica esse princípio, pois mesmo não estando no epicentro geográfico das práticas de matriz africana, consegue reunir pessoas de diferentes regiões, funcionando como um tronco que conecta galhos espalhados pela cidade.



Esse pertencimento se ancora também na música. Quando questionado aos integrantes, o que motivava eles a “fazerem parte da família Zamberacatu” as duas maiores motivações apontadas foram as categorias: música/tocar/batucar e ancestralidade/espiritualidade, cada uma com vinte incidências.

Stuart Hall (2003) nos lembra que a identidade é sempre uma construção em movimento, articulada pelas diferenças e contingências. A prática do maracatu, ao mesmo tempo que evoca a ancestralidade africana, oferece um espaço de performance identitária que não se limita à geografia. A Zona Sul, ainda que pobre em quantidade de terreiros, torna-se, por meio da Nação, um polo de atuação simbólica da religiosidade afro-brasileira, tendo como principal veículo para tal atuação, as práticas musicais de maracatu.

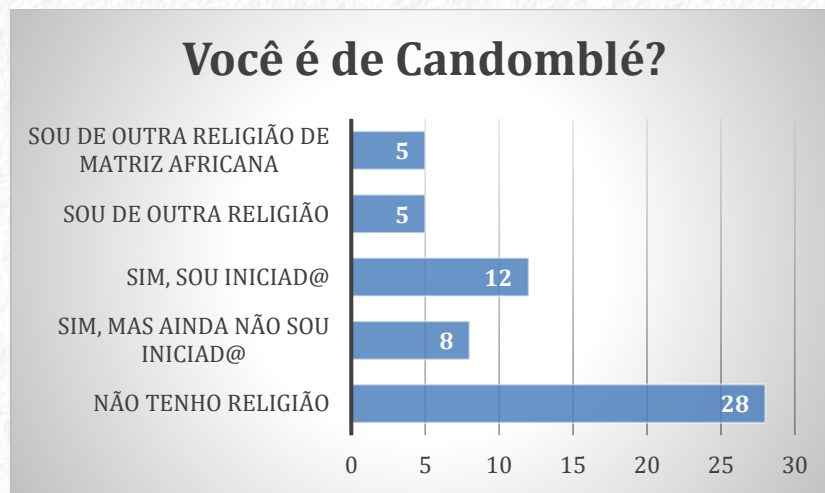
Ao olharmos para a motivação que advém da busca, seja para se encontrar ou vivenciar, uma ancestralidade/espiritualidade afro-religiosa, perceber que esta motivação está em pé de igualdade com a motivação musical, percebemos como musicalidade e ancestralidade/espiritualidade caminham juntos para criar a sensação de pertencimento dos integrantes da Nação Zamberacatu, a conjunção entre performance musical, religiosidade e ancestralidade não é decorativa, ela é constitutiva da identidade e do pertencimento no coletivo. Sendo essa confluência característica de culturas populares tradicionais como o candomblé. a antropóloga Beatriz Góis Dantas (1982), que aborda diretamente a relação entre ancestralidade, espiritualidade e práticas musicais nas religiões afro-brasileiras em seu trabalho *Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e abusos da África no Brasi*. A autora nos diz que religiões de matriz africana, os símbolos mais poderosos da identidade afro-brasileira seriam os orixás, e os elementos musicais advindos de África, como os atabaques cânticos e formações percussivas. Para Gois, nesses espaços, o canto e o ritmo servem como portadores de memória ancestral e espiritualidade.

### **Diferença e identidade: o indivíduo como parte do todo**

Corroborando com as reflexões da sessão anterior, quanto as confluências e refluências proporcionada pelo território simbólico da Nação Zamberacatu, constatamos a partir dos dados gerados pelo questionamento: “você é de candomblé?” que mesmo a Nação Zamberacatu tenha a religiosidade afro como alicerce para suas práticas, a maioria dos integrantes não são



praticantes de nenhuma religião, somando um total de 28 integrantes que afirmam não ter religião, frente a 20 praticantes do candomblé e 05 de outras religiões de matriz africana.



(Gráfico 2)

Com base nesses dados podemos perceber que a Nação Zamberacatu enquanto território simbólico de religiosidade afro-brasileira, abriga em seu contexto mais pessoas sem religião do que praticantes de religiões de matriz africana, sendo assim, como poderia a Nação Zamberacatu conferir senso de identidade em suas práticas coletivas? Em primeiro lugar, é importante destacar que, a partir de observação participante, é possível perceber que não existem divergências, contestação ou declínio de algum integrante quanto as práticas e preceitos religiosos executados pela Nação em suas performances musicais. Exemplo disso fica a cargo da distribuição de banhos de *Omi Eró*, que são distribuídos para os integrantes da Nação antes do cortejo “Batuque para a Rainha do Mar”, como parte dos rituais de proteção para sair as ruas, até o momento dessa escrita, não houve registro de negação por parte de algum integrante em receber o “Omi Eró”. Outro exemplo é a distribuição de “guias” feita pela Rainha da Nação aos integrantes, esse ritual ocorre na quinta feira que antecede o carnaval, no cortejo “Abrindo os caminhos”. Se dividirmos os dados em apenas duas categorias, percebemos que somam 33 os integrantes que são de outras religiões ou não tem religiões. Mesmo com um contingente maior de pessoas de outras religiões ou sem religião, as práticas religiosas, assim como a postura de exaltação a cultura afro-religiosa, são de forma alguma afetados por qualquer contestação que seja. Juana Elbein dos Santos (1986, p. 45), afirma que “no candomblé, o ritual não é apenas uma prática religiosa, mas um modo de viver e compartilhar valores, onde a música, a dança e a espiritualidade constituem dimensões inseparáveis de um mesmo universo



cultural”. Dessa forma, percebe-se que a Nação Zamberacatu, mesmo acolhendo integrantes de diferentes crenças ou sem religião, consegue alicerçar sua coletividade na experiência musical ritualizada, reforçando a ancestralidade como elo de pertencimento.

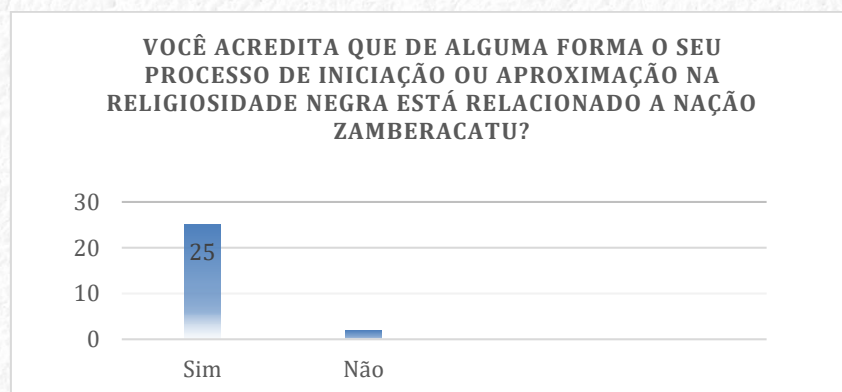
Para Antônio Bispo dos Santos (2015), todo indivíduo é uma unidade composta, ou seja, carrega em si a memória e a força do coletivo. Essa visão permite compreender que a diferença entre os membros da Nação Zamberacatu não é um obstáculo, mas sim um fundamento do coletivo.

**Figura 2 – Coroação da Rainha Maria Lazaro. Pedido de benção do Rei Babá Jorge Freire.**



Fonte – Arquivo pessoal da Nação Zamberacatu.

Outro ponto importante sobre os dados citados acima, é pensar o quanto esse território simbólico e de confluências de indivíduos, contribui ou não para a construção de uma identidade coletiva, para tal lançamos nosso olhar para o “povo de terreiro” que se afirmou no questionário.



(Gráfico 3)



Ao analisarmos previamente os dados, percebemos que o total dos integrantes que afirmam ser praticantes de religiões de matriz afro, todos atestam que sua iniciação ou aproximação com a religiosidade afro está ligada de alguma forma com sua participação junto a Nação. Isso mostra o quanto as confluências e refluências que ocorrem dentro da Nação servem de arcabouço simbólico, afetivo e de representação para, em um certo nível, contribuir na formatação da identidade dos integrantes da Nação Zamberacatu.

Stuart Hall (2003) lança a ideia de que as identidades culturais são construídas por meio da diferença, da relação com o outro, da hibridez e da contingência. “A identidade é produzida, construída dentro da representação e não fora dela” (HALL, 2003, p. 11).

Nesse sentido, o sujeito da Nação não é portador de uma identidade prévia que se encaixa em um molde cultural. Pelo contrário, ele se transforma ao habitar o território simbólico do grupo, ao vivenciar os ensaios, as apresentações e os rituais. Essa vivência gera uma forma de pertencimento que é ao mesmo tempo individual e coletiva, pessoal e compartilhada. A diferença passa a ser reconhecida como constitutiva da unidade e elemento chave para a construção da identidade.

### **A luz da etnomusicologia: contribuições teóricas de Louise Meintjes e Bruno Nettl**

O estudo de Louise Meintjes (2003) sobre um estúdio de gravação na África do Sul mostra como a identidade Zulu é performada e negociada a partir da música em um ambiente marcado por tensões sociais e políticas. O estudo de Meintjes é crucial para entender como a produção musical é um ato político e identitário, e como os espaços técnicos, como estúdios, são também territórios simbólicos onde se disputam significados. O estúdio não é um local neutro, mas um espaço de construção simbólica: *“The recording studio is not simply a neutral technical site; it is a space of social interaction, aesthetic negotiation, and ideological construction”* (MEINTJES, 2003, p. 5). A analogia com a Nação Zamberacatu é evidente, o grupo também atua como um espaço performático, onde se constroem narrativas sobre negritude, ancestralidade e resistência.

A música, nesse contexto, deixa de ser apenas som. Torna-se um dispositivo de performance da identidade, um campo onde se constrói a memória coletiva. A exemplo do que ocorre no



estúdio analisado por Meintjes, a Nação transforma os ensaios, os cortejos e as cerimônias em espaços de reconfiguração simbólica, onde as fronteiras entre o pessoal e o coletivo são constantemente negociadas. Assim como no caso sul-africano, no qual produtores, músicos e técnicos participam da construção de uma Zuluness contemporânea sem ignorar sua base tradicional, a Nação Zamberacatu reinscreve a tradição dos ritmos e rituais afro-brasileiros dentro de práticas urbanas, performáticas e coletivas. A ancestralidade não é um arquétipo estático, mas uma identidade em processo, reconfigurada no presente por meio de gesto musical, ritual comunitário e representação coletiva. Essa interligação entre tradição e modernidade reforça que os territórios culturais, sejam estúdios em Joanesburgo ou práticas de maracatu no Nordeste do Brasil, são lugares de negociação contínua, nos quais a ancestralidade se atualiza e se projeta em práticas instituintes da identidade comunitária.

Já Bruno Nettl (2003), em sua abordagem etnomusicológica, enfatiza que a música é um dos princípios organizadores das sociedades humanas e pode ser compreendida como uma forma de conhecimento coletivo. Segundo o autor, “a música de um povo revela tanto quanto seus mitos, seus rituais e sua linguagem” (NETTL, 2003, p. 78). Ao observar a prática da Nação, notamos que a musicalidade é uma das principais formas de transmissão de saberes e de suporte identitário. Mais do que linguagem, ela é método e vivência.

Nettl (2003) também chama atenção para o fato de que a música, em diferentes sociedades, raramente se apresenta de forma estática. Pelo contrário, ela está sempre em processo de negociação entre permanência e mudança, entre tradição e inovação. Para o autor, “a tradição musical nunca é apenas um resquício do passado, mas um processo ativo de recriação, constantemente reinterpretado à luz das necessidades do presente” (NETTL, 2003, p. 102). Esse entendimento nos permite compreender que a Nação Zamberacatu, mesmo sustentando-se em práticas ancestrais, não congela sua expressão, mas a atualiza continuamente em diálogo com o contexto urbano de Natal.

Dessa forma, tradição e modernidade não se apresentam como polos totalmente opostos e excludentes, mas como forças interligadas que estruturam o fazer musical. Nettl (2003, p. 118) destaca que “o estudo da música deve sempre considerar como as sociedades equilibram a preservação do repertório com a introdução de novas formas e significados.” No caso da Nação Zamberacatu, esse equilíbrio se manifesta tanto nas práticas alusivas aos elementos rituais tradicionais que fundamentam as práticas dos maracatus Nação, quanto na incorporação de



demandas culturais e sociais contemporâneas, locais e de seus integrantes. Assim, o maracatu torna-se um espaço de memória viva em constante construção, em que a ancestralidade se atualiza em práticas musicais que dialogam com as transformações contemporâneas.

## **Considerações finais**

Os dados evidenciam que não há um perfil homogêneo de integrante. A Nação é composta por pessoas com diferentes níveis de escolaridade, ocupações, orientações religiosas, faixas etárias e vínculos comunitários. Essa heterogeneidade, longe de fragilizar o grupo, o fortalece. Cada novo corpo que chega à Nação traz uma nova história, uma nova memória que se entrelaça ao todo, expandindo a rede de significados.

Ao invés de buscar uma homogeneidade, a Nação Zamberacatu se constrói na convivência com a diferença. Trata-se de um coletivo que abraça trajetórias distintas, mas que, por meio da música, constrói um campo comum de sentidos. Como afirma Hall (2003), a identidade é sempre um ponto de articulação, e nunca um ponto de origem fixa. Nesse sentido, a Nação funciona como um "estúdio ritual" usando a metáfora de Meintjes, onde identidades são performadas, ajustadas e vividas.

A música tem papel central nesse processo, ela organiza o tempo, convoca o corpo, evoca os ancestrais, cria vínculo. Ao aprender e praticar os baques, as loas e os gestos da dança, os integrantes da Nação Zamberacatu, passam a fazer parte de uma trama cultural compartilhada. Assim, mesmo com histórias pessoais distintas, todos estão conectados por uma prática comum que os inscreve em um território simbólico de negritude, resistência e celebração.

Pensar a Nação Zamberacatu a partir da articulação entre identidade, diferença e música permite compreender o grupo como um território simbólico, onde a ancestralidade não é apenas celebrada, mas atualizada e negociada. Como apontam Bispo e Hall, a identidade é sempre uma construção em movimento. E como ensinam Nettl e Meintjes, a música é uma das linguagens mais potentes dessa construção.

A heterogeneidade da Nação não é uma fragilidade, mas sim sua maior riqueza. A diferença interna é o que confere dinamismo ao grupo e o que permite que ele se mantenha vivo, em constante reinvenção. O território simbólico da Nação é, portanto, múltiplo, rizomático e musical.



## Referências

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 262 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MEINTJES, Louise. *Sound of Africa! Making Music Zulu in a South African Studio*. Durham: Duke University Press, 2003.

NETTL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology: Thirty-one Issues and Concepts*. Urbana: University of Illinois Press, 2003.

SANTOS, Antonio Bispo dos. *A terra não é um lugar: territorialidade, saberes e direitos*. São Paulo: Elefante, 2015.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte: Pade, Asese e o culto Égun*. Petrópolis: Vozes, 1986

[http://www.cchla.ufrn.br/mapeamentodosterreirosdenatal/terreiros.php?bairro=&zona=6&cid  
ade=5](http://www.cchla.ufrn.br/mapeamentodosterreirosdenatal/terreiros.php?bairro=&zona=6&cidade=5)

